

## EDUCAÇÃO E METODOLOGIAS ATIVAS: VIVÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Maria Eduarda Nunes de Souza

[eduardans2@outlook.com](mailto:eduardans2@outlook.com)

UFCA, Graduanda em Administração Pública

### Resumo

O presente trabalho visa apresentar um relato de experiência acerca do projeto “E se fosse você ?” realizado na rede pública estadual de Juazeiro do Norte, CE. O projeto trabalhou a questão das diversidades presentes no ambiente escolar a partir de um jogo de tabuleiro, onde os alunos deveriam desenvolver a empatia – já que lhes eram apresentadas situações de conflito no ambiente escolar envolvendo preconceitos e diversidades as quais eles deveriam se colocar naquela situação e solucioná-la. Tal projeto além de trabalhar contra o preconceito e o bullying escolar, visou o debate, a troca de informações e conhecimentos, além de atuar na esfera da educação e da promoção dos Direitos Humanos.

**Palavras-chaves:** Diversidade. Educação. Metodologia Ativa.

### Introdução

Aplicamos em escolas na cidade de Juazeiro do Norte, CE, no ano de 2015 um jogo de tabuleiro chamado “E se fosse você?”, com alunos, professores e gestores de Ensino Médio, podendo ser estendido a qualquer outro membro da comunidade escolar e demais membros da sociedade. Tal experiência visa trabalhar diversidades presentes na nossa sociedade e ser um agente na luta contra os preconceitos e o bullying.

Toda pesquisa requer escolhas e caminhos a serem percorridos, e com esta pesquisa não foi diferente. Por uma questão de recorte temático e para melhor aproveitamento da experiência pedagógica, optamos por trabalhar com as diversidades religiosa, étnica, sexual e de gênero. Nesse sentido, surgiu a ideia de se trabalhar tais temáticas através de um jogo vem na intenção de abordar tais assuntos tidos como tabus, de forma dinâmica, interativa e lúdica, aplicando uma metodologia ativa de aprendizagem, a partir da qual o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais – nesse caso, os preconceitos no ambiente escolar.

A ideia do projeto surge de uma necessidade percebida nas escolas, que é a questão do preconceito: 92 % das pessoas que participaram do projeto – dentre alunos, professores e núcleo gestor - afirmam já terem presenciado alguma situação de preconceito na escola. Sendo assim, nossa intenção é a de que o jogo atue como um material de apoio a professores e alunos, dentro e fora de sala de aula.

Embora esses temas estejam presentes em nosso dia-a-dia na escola e em nossa sociedade, fala-se muito pouco sobre eles e os motivos são diversos – falta de informação, medo, preconceito, falta de interesse, dentre outros. Acreditamos que o silêncio também é um lugar de fala, e nesse caso, o silêncio grita. Grita sobre a violência, o preconceito, a falta de informação que faz com que jovens sofram, morram, matem sem nem saber o que fazer ou como ou a quem pedir ajuda.

A escola enquanto formadora de cidadãos críticos tem o dever de educar e informar esses jovens sobre as diferenças, a tolerância e o respeito. Nesse sentido, corroboramos com Maria Victoria Benevides que defende a necessidade de uma educação em Direitos Humanos, a partir de um trabalho de educação continuada, a educação para a mudança e a educação compreensiva, no sentido de ser compartilhada e de atingir tanto a razão quanto a emoção<sup>1</sup>. Aliado a tais questões, acreditamos que o uso de metodologias ativas no ambiente escolar podem ser um ponto de partida para avançar nesse processo mais de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

Para Maria Victoria Benevides,

(...) Em primeiro lugar, o aprendizado deve estar ligado à vivência do valor da igualdade em dignidade e direitos para todos e deve propiciar o desenvolvimento de sentimentos e atitudes de cooperação e solidariedade. Ao mesmo tempo, a educação para a tolerância se impõe como um valor ativo vinculado à solidariedade e não apenas como tolerância passiva da mera aceitação do outro, com o qual pudesse não estar solidário. Em seguida, o aprendizado deve levar ao desenvolvimento da capacidade de se perceber as consequências pessoais e sociais de cada escolha. Ou seja, deve levar ao senso de responsabilidade. Esse processo educativo deve, ainda, visar à formação do cidadão participante, crítico, responsável e comprometido com a

---

<sup>1</sup> BENEVIDES, Maria Victoria. Educação em Direitos Humanos: De que se trata? In BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 15.

mudança daquelas práticas e condições da sociedade que violam ou negam os direitos humanos. Mais ainda, deve visar à formação de personalidades autônomas, intelectual e afetivamente, sujeitos de deveres e de direitos, capazes de julgar, escolher, tomar decisões, serem responsáveis e prontos para exigir que não apenas seus direitos, mas também os direitos dos outros sejam respeitados e cumpridos<sup>2</sup>.

Esperamos assim, estar contribuindo de alguma forma para a formação de uma sociedade mais humana, mais acolhedora, mais respeitosa e mais plural.

## **Metodologia**

Inicialmente foram aplicados questionários com alunos, professores e membros do núcleo gestor de 03 escolas profissionais estaduais da nossa região para fundamentar nossa hipótese - EEEP Aderson Borges de Carvalho, EEEP Professor Moreira de Sousa, EEEP Raimundo Saraiva Coelho. Foram abordados 130 alunos, 35 professores/núcleo gestor, que responderam os questionários de forma anônima. A única identificação se dava em relação a idade, sexo e categoria professor/aluno/gestor.

Para que os mesmos se sentissem a vontade ao responderem o questionário, foram abordadas várias pessoas ao mesmo tempo, de forma que cada um respondesse seu próprio questionário ao invés de serem entrevistados. No questionário haviam questões fechadas e abertas e se referiam a coleta de dados sobre preconceito no ambiente escolar: Você já sofreu preconceito na escola? Já presenciou algum tipo de preconceito? Como sua escola aborda a questão do preconceito?

Tanto para o levantamento de dados, como no estudo de análise de conteúdo desse material, optamos por trabalhar com o método de análise denominado “investigação por métodos mistos” (*mixed methods*) – também conhecido como “triangulação”. A investigação por métodos mistos é uma integração de métodos qualitativos e quantitativos num único estudo, com o objetivo de obter uma visão mais abrangente e uma compreensão mais profunda do “fenômeno” em estudo, ora atribuindo mais peso a um do que a outro, ora iniciando-se com um e concluindo-se com outro, sem um marco rígido quanto a isso<sup>3</sup>. Enveredamos por essa via de investigação, por considerá-la mais adequada aos nossos objetivos, já que o método misto inclui estratégias de recolha de dados (questionários,

---

2 Idem.

3 Nosso questionário foi montado de acordo com o modelo recomendado por John Creswell, onde usamos perguntas fechadas (objetivas) e abertas (discursivas). CRESWELL, JOHN W. *Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto*; Tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

entrevistas, observações, quantificações), métodos de investigação (experiências, relatos pessoais) e em nossa pesquisa seria imprescindível termos um levantamento em números (quantitativo), para mostrar, em números reais, a quantidade de casos de preconceito nas escolas, o quanto as omissões são gritantes: 86% dos alunos participantes do projeto afirmam já ter sofrido algum tipo de preconceito na escola; 75% afirmam que seus professores não abordam temáticas relacionadas a diversidade étnica, religiosa, de gênero ou sexual. O que fizemos aqui nada mais foi do que quantificar a realidade vivida e percebida por todos nós que fazemos parte da comunidade escolar. Por outro lado mostrar os números não seria suficiente, era preciso dar voz a essas pessoas, ouvir suas histórias, e ajudá-las de alguma forma, por isso a preocupação em utilizar esse material qualitativo, não só no intuito de coletar os dados, mas também para utilizá-las no jogo “E se fosse você?” como situações.

Como uma das intenções do projeto é a busca do conhecimento e da informação para desmistificar preconceitos, realizamos algumas visitas técnicas na cidade de Juazeiro do Norte. No que se refere a religiosidade, visitamos o terreiro de candomblé *Ilê Alaketu Ijobá Asé Logun y Oyá*, localizado no bairro Pedrinhas – Aeroporto, onde conversamos com o sacerdote do terreiro, Pai Isaac. Posteriormente fizemos outras visitas a este terreiro a convite do sacerdote, para conversarmos com a juventude do terreiro e aplicarmos o jogo; visitamos o budista Luan Luna; o GEFIS Grupo Espírita da Fraternidade Irmã Sheilla, no bairro Vila Fátima, onde fomos recebidos por Gandhi Morais, e o Grupo Jovem Católico da Paróquia de São Miguel. Em todas essas visitas priorizamos conhecer cada uma dessas religiões através da visão de seus adeptos e ouvimos diversos relatos sobre o preconceito religioso que sofrem – dentro e fora do ambiente escolar – e como lidam com essa questão<sup>4</sup>. Vale ressaltar que a cidade, Juazeiro do Norte, é extremamente católica, devido a devoção ao Padre Cícero e muitas vezes outras denominações religiosas não são bem aceitas por grande parte da população.

Nosso contato com os movimentos sociais LGBT se deu com o Grupo *Akuenda a Diversidade*, e seu representante Pablo Soares e com a *Associação Benfícete Madre Maria Villac* (ABEMAVI) e seu representante Ronildo Oliveira. Em um de nossos encontros tivemos a oportunidade de conhecer a professora Brenda Vlazacj, transexual, que muito contribuiu com o projeto ao nos contar sobre sua experiência enquanto ativista, professora de

---

4 Sobre essa temática, embora envolvendo outra faixa etária, recomendamos a leitura de SOUSA, K. *Entre a escola e a religião: Desafios para crianças de candomblé em Juazeiro do Norte*. 2010. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. UFC, Fortaleza. 2010.

adolescentes e sobre a sua adequação sexual – nome dado ao processo de transição da identidade masculina para feminina ou vice-versa.

Já com o movimento negro, conhecemos as meninas do *Negras Simoas*, (Jessica Diniz, Karina Cardoso e Karla Alves) ativistas não só do movimento negro, mas que também lutam pela equidade de gênero e contra a lesbofobia e bifobia.

Destacamos também os encontros e as discussões traçadas dentro do LIEV – Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência - e da UNILEÃO – Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - e com o professor do curso de Enfermagem da URCA – Universidade Regional do Cariri - e pesquisador de gênero e ativista LGBT, Glauberto Quirino.

A partir do levantamento dessas informações iniciamos a construção e aplicação do jogo “E se fosse você?” – maneira pelo qual aplicamos nossa metodologia ativa. Nossa sugestão é de que as partidas sejam jogadas por 04 equipes ou por até 04 duplas que disputam entre si, para que assim haja a troca de ideias, o debate.

No jogo são apresentadas situações cotidianas do ambiente escolar as quais os jogadores deverão "solucionar". Essas situações foram selecionadas a partir de um levantamento de situações reais envolvendo pessoas na faixa etária do nosso público alvo - alunos de Ensino Médio, entre 14 e 18 anos, professores e gestores - a partir de pesquisas na mídia (tv, jornais, internet e nos questionários respondidos pelos alunos, professores e gestores). Tivemos o cuidado de preservar a identidade dos envolvidos, modificando detalhes como nomes e cidade. A intenção é que o jogador, se colocando na pele daquele seu personagem, solucione, debata, se depare com uma situação de conflito sob uma ótica diferente de seu habitual. A partir da experiência do jogo, ao se colocar nas situações apresentadas, o jogador é estimulado a pensar a partir de outra perspectiva, ao tentar solucionar a situação que lhe foi apresentada. Não existe uma resposta correta. A intenção aqui é o debate, a discussão e “o se colocar no lugar do outro”. O aplicador do jogo lerá a situação até um certo ponto, quando será colocada a questão “E se fosse você?”, o que faria, como reagiria? Depois de um breve debate, a equipe dará a sua solução para o caso, e em seguida, será lido o desfecho real da situação.

No decorrer do jogo, o jogador irá acumulando estrelas, que o farão subir de nível (Primário, Secundário, Graduado, Especialista, Mestrado e Doutorado), ganhando o jogo quem primeiro alcançar o grau Doutorado ou se alguma equipe retirar no baralho “NOTÍCIA” a carta que encerra a partida – nesse caso ganhará a equipe que estiver com o grau mais avançado. O jogador poderá conseguir estrelas ao cair na casa “ESTRELA” do tabuleiro, onde ele irá rodar a roleta para saber se ganha ou perde estrelas; e ao responder alguma situação,

quando cair na casa “E SE FOSSE VOCÊ?”. Existem ainda a casa “PRISÃO” e “VÁ PARA A PRISÃO”, que deixa o jogador uma rodada sem jogar. O baralho “NOTÍCIA” trará informações histórias, culturais, estatísticas, legislativas, curiosidades sobre as diversidades citadas, podendo ser boas ou ruins.

Nosso grande desafio em uma segunda etapa do projeto foi confeccionar um tabuleiro na versão gigante, como uma forma de estimular mais ainda a participação de alunos e professores no projeto. A ideia era que pudéssemos visitar as escolas de nossa região com esta versão gigante, e até mesmo realizar uma espécie de competição entre as escolas – ambos os objetivos conseguiram ser alcançados. A metragem do tabuleiro (7 X 9 m) foi escolhida para que coubesse no refeitório ou quadra das escolas. Cada casa do tabuleiro ficou medindo, aproximadamente 1 X 0,70 m, e tentamos reproduzir ao máximo o tabuleiro pequeno em versão gigante.

## **Resultados e Discussões**

O início e o desenvolvimento da pesquisa, em todas as suas etapas (levantamento de dados, teste da hipótese, entrevistas, aplicação do jogo) aconteceram ao longo do ano de 2015 na EEEP Aderson Borges de Carvalho, na EEEP Professor Moreira de Sousa, na turma de EJA Projovem Campo, da EEF Maria do Socorro Cardoso, localizada no sítio Palmeirinha e com os jovens do terreiro de candomblé *Ilê Alaketu Ijobá Asé Logun y Oyá* - todos localizados em Juazeiro do Norte - além de testes informais com grupos de amigos. Fomos também convidados pelo Prof. Dr. Glauberto Quirino a levar o jogo para a turma do 5º período do curso de Enfermagem da Universidade Regional do Cariri (URCA), localizada no Crato, em sua disciplina “Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva”, onde além de testarmos a hipótese em um outro público-alvo – alunos de Ensino Superior -, discutimos sobre a aplicação do jogo no ambiente escolar e na comunidade.

Inicialmente o teste da hipótese foi feito com alunos voluntários na nossa própria escola, apresentando situações e promovendo o debate, sem o tabuleiro. A intenção era perceber se as situações estavam sendo colocadas de forma clara aos alunos, para que o jogo pudesse fluir de acordo com a nossa hipótese. O teste foi muito bem sucedido, e então partimos para o teste com o jogo na íntegra (situações + tabuleiro), igualmente bem sucedido. Foi quando surgiu a oportunidade de aplicar o jogo em uma aula de Sociologia na EEEP Aderson Borges de Carvalho, cujo tema era movimentos raciais, de gênero e LGBT, em que o professor da disciplina propôs

um debate sobre os temas – uma oportunidade da aplicação prática do jogo em um cotidiano de sala de aula. O jogo teve um excelente andamento e debates calorosos. Alunos e professor se mostraram entusiasmados com a dinâmica do jogo e pediram para repetir a experiência em outras oportunidades.

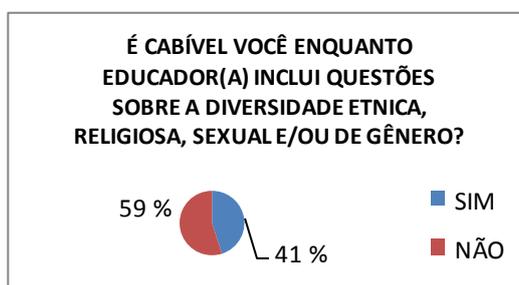
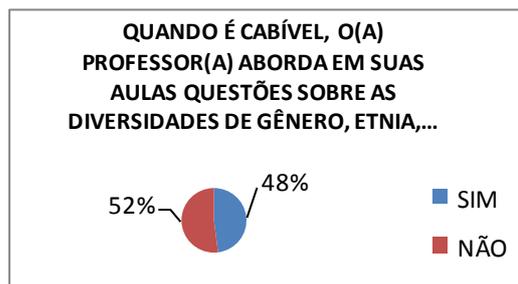
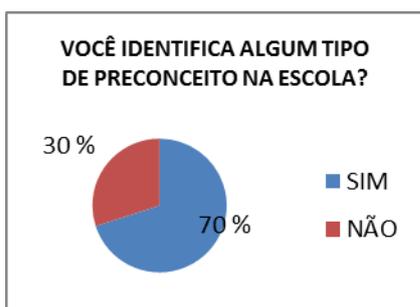
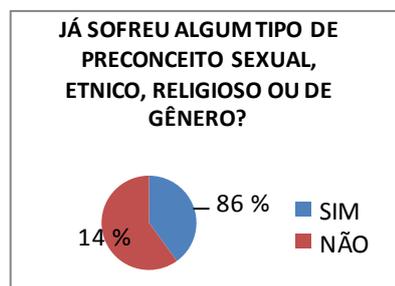
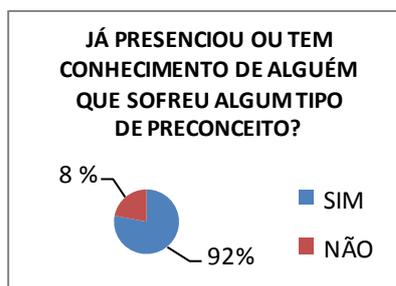
Como parte do desenvolvimento do projeto, confeccionamos junto aos alunos murais com informações sobre alguns conceitos trabalhados ao longo do projeto, além de dados estatísticos e as legislação referente a eles: machismo, sexismo, misoginia, racismo, injúria racial, intolerância religiosa, transexual, transgênero, dentre outros. Levamos esse mural para todas os espaços onde o jogo foi aplicado.

Além disso, promovemos na EEEP Aderson Borges de Carvalho uma “Semana da Diversidade”, onde contamos com a presença da EEP Professor Moreira de Sousa e da EEEP Otília Correia Saraiva. Ao longo da semana, houveram oficinas de fotografia, concursos de dança, paródias, vídeos, exibição de curtas, palestras com lideranças religiosas e ativistas dos movimentos racial e LGBT da nossa região.

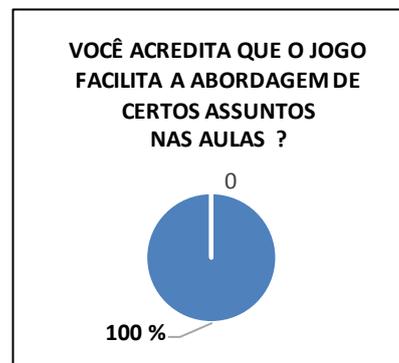
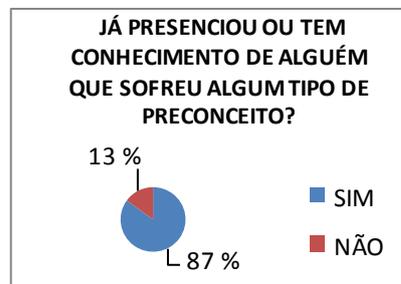
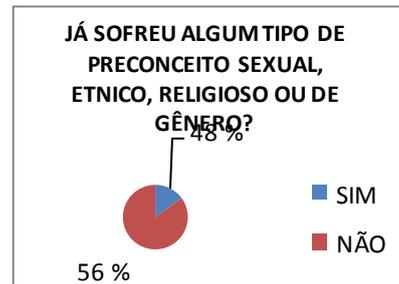
No dia da culminância do evento, promovemos uma partida do jogo em versão gigante entre as escolas, na qual os alunos eram as peças em movimento no tabuleiro. A “competição” foi vencida pela EEEP Professor Moreira de Sousa, e posteriormente houve uma visita a essa escola para a aplicação de uma oficina/formação com os alunos e professores participantes para transformar esses alunos em agentes multiplicadores. Em seguida, aplicou-se o jogo gigante na escola, ação essa conduzida pelos alunos multiplicadores do Moreira de Sousa.

Na página seguinte apresentamos os dados e gráficos colhidos ao longo do projeto, em todas as escolas participantes:

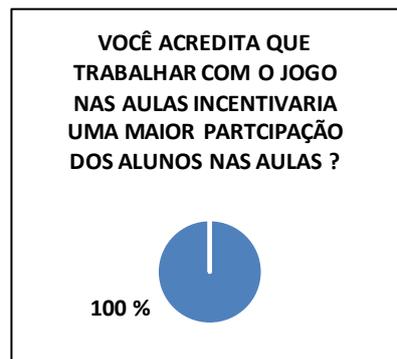
## RESULTADOS - ALUNOS



## RESULTADOS – PROFESSORES E GESTÃO



## FEEDBACK



## Considerações Finais

A receptividade do jogo foi muito boa, não houve nenhuma declaração ou repercussão negativa nesse sentido. Alunos e professores que participaram da experiência concordaram que introduzir a dinâmica através de um jogo facilitou a introdução de assuntos considerados tabus e delicados e mesmo alunos tidos como mais inibidos, se motivaram a expressar sua opinião e se inserir no debate. Os professores afirmaram ainda que o jogo seria um excelente instrumento para auxiliá-los nas aulas, já que a falta de uma formação específica, de informação e até de incentivo colaboram negativamente para o desenvolvimento de tais temáticas no ambiente escolar. Muitos alunos se mostraram mais receptivos e curiosos sobre o tema, e algumas informações trazidas pelo jogo não eram de conhecimento da maioria dos jogadores – o que reforça o caráter informativo do projeto.

Para termos um feedback em relação a hipótese do projeto, a opinião, receptividade de docentes e discentes e sugestões sobre o jogo, aplicamos um questionário para todos os alunos e professores que participaram das partidas. Esses questionários também foram respondidos de forma anônima, e houve uma aceitação geral e excelente receptividade da metodologia, tanto por alunos e professores.

Ao comparar dados anteriores e posteriores a aplicação do jogo, vimos que nossos objetivos – debate, esclarecimento, troca de informações, incentivo para se trabalhar as temáticas ligadas a diversidade em sala de aula – foram atingidos com sucesso, visto que muitas vezes os próprios alunos pedem para que o jogo seja aplicado em algumas aulas.

Compreendemos que não se faz uma educação de qualidade sem uma educação cidadã, uma educação que valorize as diversidades. Espera-se, portanto, que uma prática educativa de enfrentamento das desigualdades e valorização da diversidade vá além, seja capaz de promover diálogos, a convivência e o engajamento na promoção da igualdade. Não se trata, simplesmente, de desenvolver metodologias para trabalhar a diversidade e tampouco com “os diversos”. É repensar as relações que se dão no ambiente escolar na perspectiva do respeito à diversidade e de construção da igualdade, contribuindo para a superação dos preconceitos nas relações entre pessoas, independente de gênero, sexualidade, religião, etnia para a qualidade da educação. É no ambiente escolar que os estudantes podem construir suas identidades individuais e de grupo, podem exercitar o direito e o respeito às diferenças.

Nas palavras de Maria Victoria Benevides,

A Educação em Direitos Humanos é essencialmente a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana através da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. Portanto, a formação desta cultura significa criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que decorrem, todos, daqueles valores essenciais citados – os quais devem se transformar em práticas<sup>5</sup>.

Nesse sentido, nossa intenção é colaborar na desconstrução de preconceitos e estereótipos, na construção do conhecimento e na formação de jovens cidadãos críticos, disseminadores do respeito e da tolerância. Que a escola não silencie sobre o preconceito, nem sobre seus desdobramentos. Que não faça da diversidade, o diferente, o exótico, que está à margem, mas sim algo que existe, que está ali presente em nosso dia-a-dia. Afinal, somos todos diversos, somos plurais. Somos humanos.

### **Referências Bibliográficas**

ABRAMOVAY, M; ANDRADE, E.R; ESTEVES, L.G. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade* – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2009.

BENEVIDES, Maria Victoria. Educação em Direitos Humanos: De que se trata? In BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

CRESWELL, JOHN W. *Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto*; Tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

---

<sup>5</sup> BENEVIDES, op. cit., p. 45.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009.

LAZARI, Rafael Jose Nadim De; LEAL, Bruno Bianco; BERNARDI, Renato (orgs.). *Liberdade Religiosa no Estado Democrático de Direito: Questões históricas, filosóficas e políticas*. São Paulo: Lumen Juris, 2014.

LIMA, Maria Nazaré Mota de (org). *Escola Plural – a diversidade está na sala de aula*. Salvador. Cortez: UNICEF – CEAFFRO, 2006.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. SECAD / MEC, Brasília, 2005, p. 69-82.

PINSKY, Jaime. *As doze faces do preconceito*. São Paulo, Editora Contexto, 2009.

RIBEIRO, P. et. al. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Discutindo práticas educativas*. Rio Grande: FURG, 2007.